



A FLOR E A MEMÓRIA

Luciano da Silva Façanha¹
Universidade Federal do Maranhão

Marcos Francisco Teixeira Costa²
Universidade Federal do Maranhão

Despertou muito cedo para o trabalho, tão cedo que o próprio conceito de cedo beirava o de tarde do dia anterior. Pobre cedo! Carece do que é tarde para ser demasiado prematuro. O carecer pertence à essência do mundo. A Pedro não importava o que passara, só queria acordar e recomeçar a rotina exaustiva que o consumia a cada vão momento, a cada fração de sua existência. Ele não era consumido no sentido banalizado que se atribui a cada consumir, extinguir, crepuscular (O caminhar do sol para lá consome o dia que foi). Mas aí mesmo onde seu ser se esvaia, Pedro nascia. Aquele consumir o fazia existir, o lançava em sua carne, em seus ossos, unhas, nervos, cabelos, casa, avenida, trabalho. Na proporção em que cansava, se cobria com uma velha roupa, que é aquela que vestimos quando tudo começa a fazer sentido, quando sabemos que estamos aqui porque somos a fonte do viver.

Levantou-se depressa, depressa, mas não o bastante que o impedisse de ver o sol através de sua janela. Aquela estrutura gigantesca que explodia um turbilhão de luz o lançou imediatamente num abismo em que jamais havia se lançado.

— Tu és lindo, pois segues a lei de tua própria magnitude. A própria vida se dobra diante de ti, disse trêmulo ao sol, como se fala a alguém que responde.

Era o miserável Cristo natural, a pura redenção. Tantos anos e nunca havia reparado naquilo que o arrebatara naquele momento. Quantas coisas não nos arrebatam, quantas coisas fracassam na tarefa de nos levar para onde nunca estivemos?

Aquele mistério aniquilou o próprio Tempo, que não era mais a chuva que banhava a rotina pérfida que o arrastava atrozmente sobre pedras. Pedras do juízo, pedras das tarefas a

¹ Atua na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como professor Adjunto no Departamento de Filosofia (DEFIL); Coordenador do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade - Mestrado Interdisciplinar (PPGCult); Professor nos Mestrados em Cultura e Sociedade e Mestrado Profissional em Filosofia da UFMA - PROF-Filo/UFMA. E-mail: lucianosfacanha@hotmail.com.

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Atualmente pesquisador do PIBID/UFMA vinculado à CAPES. E-mail: marcoscosta539@gmail.com.



cumprir, dos papéis a atuar. Se tudo isso era um grande espetáculo, o público depois de tanto silêncio aplaudia; as cortinas se fecharam e ele se despia agora de sua indumentária.

Os sons dos carros lá fora ecoavam como vozes distantes de pessoas presas no porão, de gente que sentia fome e comia suas próprias lágrimas. A Pedro não importava mais nenhum barulho, a Pedro não chamava atenção o grito daquilo que o invocava para o dever. Tudo perdeu o sentido. Os acontecimentos sugerem, na verdade, é que Tudo não perdeu coisa alguma. O tudo não ganhou nada quando o primeiro homem deu sentido a ele. O primeiro homem é que ganhou, ganhou sentido ao fazer isso. Ele se tornou primeiro homem, e aquele cuja existência passou a ser a confluência de suas palavras com aquilo que percebia. As vãs palavras que violentam o mundo, ou o afagam.

Uma multidão de coisas solicitava que Pedro saísse daquele estado de torpor, mas nada sequer surtia efeito. Já não tinham mais sua própria substância de causa. Já não era mais o mesmo. O nome lhe concedeu a unidade de que precisava. Sem ele, seria outra coisa, um olho sem corpo, talvez; um corpo sem alma, provavelmente. Não seria nada se não tivesse nome.

Saiu de casa como se a casa fosse uma mágoa ruim que se quer deixar pra trás. Não que a casa seja uma mágoa ou evoque uma, ela ficou na memória porque um novo mundo se abriu à percepção. As coisas fora de lá ganharam a tônica adocicada exatamente como aquilo que só se experimenta em casa. Os carros pareciam confluir em direção a sua consciência como o abajur que caminha em direção a nossa mão ao se submeter voluntariamente a nós no momento em que o desligamos. O mundo parecia sob o seu comando. O verbo caminhar parecia ter ganhado exatamente o sentido que lhe convém: fazer caminho. Ele caminhava movido apenas pelo gosto de ser mundanizado, cheirar cada nova cor, respirar cada novo som, ouvir cada novo sabor.

Pedro não se projetava rumo ao trabalho, se projetava a um rumo bem menos doloroso do que este que enfrentava todos os dias. Nem ele sabia que rumo seguia, que caminho trilhava. Queria apenas seguir as leis de sua própria existência tal como o grande sol que arrancava de seus olhos a limpidez de um olhar ingênuo.

Em sua longa jornada rumo ao nada, deparou-se com uma rosa jogada ao chão. Era uma planta morta com nome de cor. Pedro teve seu desejo parcializado, cortado, despedaçado, reduzido àquela flor que dava ao chão a essência de chão. A rosa não lhe sussurrou no ouvido que acordasse ou que dormisse novamente. Ela arrancou de sua vil memória os retratos de sua

mãe. A flor desgrenhada trouxe as recordações dos seios que o alimentara, da voz que o reprimia e consolava. O silêncio foi trazido com maciez pela afetividade que castiga o homem.

A mãe é um símbolo, ela é um sentido que nunca se esvai. A dele em especial, pois havia dado a vida para que o filho fosse o que se entende por alguém (no sentido que se fala: “Você precisa ser alguém na vida”). Se aquela rotina o constituía, era devido ao ser materno, pois foi quem lhe impulsionou para esta árdua lida. Ela não fez tal humanidade porque era cruel, mas simplesmente porque cumpria o papel de mãe. Para aquele jovem rapaz, além do seu próprio existir, o trabalho era a evidência mais clara da presença de sua mãe.

A mãe estava morta, já no esquecimento quase, que é para onde as almas dos mortos vão. Mas a vivacidade daquela flor morta trouxe a alma daquela que tanto o amou de volta, e com ela toda a recordação dos papeis a seguir, metas a cumprir, silêncios a dizer, exatamente como os papeis que ela cumpria com tanto apreço, com tanta maternidade.

Pedro foi abruptamente arrancado daquele estado semisselvagem que fora inicialmente tomado. Agora estava lançado em uma dimensão afetiva absurdamente aprisionadora. Ele fora novamente tomado pela agonia de recomeçar a exaustão. Puxou do bolso um relógio, que inclusive ganhara da mãe. Olhou a hora. Estava em tempo de seguir para o trabalho. Impulsionado pelo esquecimento da libertação, seguiu. No homem que ama não cabe divagações.

Recebido em: 22/08/2017

Aprovado em: 29/08/2017